

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# CONJUNTOS CERÂMICOS DA IDADE DO FERRO DO TEATRO ROMANO DE LISBOA: AS CERÂMICAS DE ENGOBE VERMELHO

Marco Calado / Técnico de arqueologia / Colaborador do Museu do Teatro Romano / marcocalado1@hotmail.com

João Pimenta / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) / Museu Vila Franca de Xira. Mestre em Pré-história e Arqueologia / pimentamarques@iol.pt

Lídia Fernandes / Coordenadora do Museu do Teatro Romano (Museu da Cidade – Câmara Municipal de Lisboa) / Arqueóloga. Mestre em História de Arte / lidia.fernandes@cm-lisboa.pt

Victor Filipe / Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ) – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) / victor.filipe7@gmail.com

## RESUMO

Analisa-se o conjunto de cerâmicas de engobe vermelho exumado no decurso das últimas campanhas de escavação realizadas no Museu do Teatro Romano.

O objectivo desta apresentação é o estudo deste grupo de materiais, analisando-se o respectivo enquadramento no contexto diacrónico da ocupação deste local.

O facto de terem sido exumadas algumas estruturas de contextos sidéricos e republicanos, em ambos os casos destruídas pela edificação do teatro nos inícios do séc. I d.C., permitiu o reconhecimento da ocupação anterior à época romana. O aparecimento de inúmeros fragmentos classificada tradicionalmente como “cerâmica de engobe vermelho”, a qual surgiu em múltiplos estratos arqueológicos, revela uma diacronia de contextos que suscitam interessantes considerações.

## ABSTRACT

The set of red glaze ceramics that have been exhumed during the last excavations at the Roman Theatre Museum is analysed. The goal of this presentation is to study these elements to analyse their diachronic framework in the context of the occupation of this site. The recognition of the occupation prior to the Roman era was possible. This is due to the fact that some of the structures exhumed had Republican and Siderian age. The appearance of fragments traditionally classified as red glaze ceramics in many archaeological strata gives a diachrony of contexts leading to very interesting considerations.

## INTRODUÇÃO

O trabalho que agora se expõe procura dar continuidade à apresentação sistemática do espólio cerâmico recolhido ao longo das várias campanhas efectuadas no interior do Museu do Teatro Romano.

A constituição deste museu em 2001, englobando áreas distintas entre si e localizado a sul do monumento romano, permitiu a realização de escavações arqueológicas em áreas não edificadas. Procurou-se, de igual modo, intervir em áreas circundantes que possibilitassem um melhor entendimento do tipo de ocupação antrópica em redor do teatro como

aconteceu com duas sondagens realizadas em 2009 no Pátio do Aljube e na Rua Augusto Rosa, defronte da fachada sul do museu.

Sublinhamos, no contexto do trabalho que se apresenta, o primeiro local (Fernandes & *alii*, no prelo) pelo espólio que forneceu atribuível a contextos orientalizantes da Idade do Ferro, enquadráveis entre os meados/finais do séc. VIII a.C. e o séc. VI a.C., destacando-se o aparecimento de estruturas de pedra seca, possivelmente socos de muros em adobe, de cariz habitacional.

O elevado número de material de cronologia sidérica recolhido ao longo das várias campanhas ar-

queológicas, exigiu uma abordagem parcelar dos dados, razão pela qual se optou pela apresentação exclusiva das cerâmicas de engobe vermelho. O número, qualidade e tipologia das peças deste tipo justifica uma apresentação particular.

## 1. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A construção do edifício do teatro, no âmbito do novo gizar do urbanismo romano de *Olisipo*, implicou profundos trabalhos de desaterro e construção de amplos e profundos alicerces inerentes a uma estrutura desta dimensão. Este preâmbulo às questões do contexto arqueológico de proveniência destes materiais de cronologia pré-romana parece-nos imperativo, pois apesar de ser omnipresente a constatação, em todos os estratos, da presença de materiais de cronologia pré-romana estes encontram-se sempre em deposição secundária. O conjunto que se analisa foi, deste modo, recolhido ao longo das múltiplas campanhas arqueológicas realizadas no Museu do Teatro Romano, desde 2005, quando se iniciaram os trabalhos, até 2011 (Figs. 1 e 2).

O presente conjunto é proveniente, na sua maioria, da segunda fase dos trabalhos aí implementados, após a identificação da grande estrutura do *post-caenium* e integram-se em contextos, genericamente, de cronologia romana<sup>1</sup>.

Constata-se assim, que estas evidências de ocupações pretéritas do povoado pré-romano surgem em claro contexto secundário. Contudo, o seu estudo ainda que encarado numa perspectiva meramente tipológica, pode contribuir para a construção do conhecimento da diacronia da urbe subjacente à *Olisipo* romana.

## 2. A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO ENQUANTO ELEMENTO DE ESTUDO

A cerâmica de engobe vermelho que essencialmente integrava o serviço de mesa, constitui-se como uma das categorias cerâmicas que mais atenção tem recebido por parte dos investigadores que se dedicam ao estudo de materiais da Idade do Ferro. No contexto do reportório das cerâmicas da chamada fase orientalizante, o estudo daquele tipo de materiais poder-se-á

1. Exceptuam-se os exemplares provenientes das camadas 2-a – comum a várias valas de sondagem – por ser atribuível a contextos medievais / modernos.

considerar privilegiado pois permite o estabelecimento de melhores cronologias que grande parte de outros materiais, constituindo-se inicialmente como um material exógeno e revelador de contactos com as populações do Mediterrâneo Oriental (Sousa, 2011). A introdução da roda de oleiro por aquelas populações exógenas viria a modificar, em grande medida, o reportório cerâmico no Ocidente peninsular, permitindo e potenciando, simultaneamente, o aparecimento de um fenómeno de imitação das cerâmicas orientalizantes por parte das populações indígenas. Este tipo de cerâmica de engobe vermelho viria a ser amplamente imitada e produzida regionalmente, estando essa produção local/regional atestada no conjunto que ora se dá à estampa.

A investigação sobre este tipo de cerâmica em âmbito peninsular, embora recue ao século XIX, iniciou-se essencialmente em meados do século passado, podendo-se globalmente sintetizar em três fases: a primeira caracterizada pela produção de sínteses gerais sobre o tema; outra mais direccionada para os reportórios cerâmicos de âmbito regional; e a actual, que procura uma interpretação unitária da cerâmica fenícia, visando as relações entre os protótipos orientais e as produções regionais ocidentais (Freitas, 2005). Nesta perspectiva, ganha relevo o estudo minucioso das produções locais, formas e fabricos, procurando captar a evolução e dispersão de cada uma (Sousa, 2011).

Há igualmente que destacar as diversas tipologias sobre cerâmica de engobe vermelho sucessivamente elaboradas desde meados do séc. XX e que, no fundo, marcam o estado actual do conhecimento acerca do estudo deste tipo de cerâmica<sup>2</sup>.

## 3. O CONJUNTO DA CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DO TEATRO

Entre os milhares de fragmentos de cronologia pré-romana recolhidos nas escavações realizadas no teatro, optou-se por separar a amostragem por conjuntos cerâmicos coerentes e assim estudá-los numa metodologia que permita extrair o máximo de in-

2. Entre outros, poder-se-ão referir os trabalhos de Cuadrado (1953, 1962 e 1969), Tarradel (1958 e 1960), Schubart (1976), Aubet (1976), Rufete Tomico (1988-89) e Mancebo Dávalos (1996). Mais recentemente, e no contexto do território actualmente português, poder-se-ão referir os trabalhos de Vera Freitas (2005) e Elisa Sousa (2011).

formação para o estudo da dinâmica de ocupação do espaço e da dinâmica do povoado da colina do castelo na sua diacronia. Entre a cerâmica a torno sobressaiu desde logo o conjunto de cerâmica de engobe vermelho, com centenas de fragmentos, tendo sido possível reconstituir e representar graficamente 34 indivíduos.

A análise macroscópica das suas pastas e engobe permitiu definir um único grupo de fabrico. Este caracteriza-se por uma pasta compacta e bem depurada, de tom castanho (Mun. 2,5 YR 5/6), apresentando escassos elementos não plásticos bem distribuídos, de dimensões reduzidas. Estes são constituídos por quartzos, micas douradas e alguns vacúolos alongados. O engobe que cobre as superfícies destes recipientes é de boa qualidade, espesso e muito aderente, variando a sua tonalidade entre o vermelho (Mun. 10 R 5/6) e o castanho avermelhado (Mun. 10 R 5/4), sendo o resto da peça alvo de uma aguada do tom da pasta ou simplesmente alisada.

### 3.1. Pratos

Os pratos, correspondem ao grupo mais significativo de todo o conjunto, não fugindo à realidade documentada para as estações da I<sup>a</sup> Idade do Ferro no actual território português nem para os restantes contextos ibéricos. O nosso conjunto (Est. 1 e 2) é representativo das tipologias mais comuns entre os momentos iniciais dos contactos com o mundo orientalizante, século VIII a.C. e o século V a.C. Os exemplares da Figura 3 podem-se incluir na forma P1 de Rufete Tomico (1988-89, pp. 15-16), datados, tradicionalmente, entre a segunda metade do século VIII e a primeira metade do século VII a.C. No território actualmente Português, é precisamente no Vale do Tejo onde encontramos os melhores paralelos para estes pratos, nos níveis mais antigos da Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002, pp. 184-186) e em alguns exemplares do povoado do Almaraz (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993).

### 3.2. Taças carenadas

As taças carenadas, revestidas interna e externamente parcialmente até à zona da carena encontram-se representadas por quatro exemplares (Est. 3, n.º 29 a 32). Esta forma encontra-se particularmente bem atestada no Povoado de Almaraz (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993) e em Lisboa, no Claustro da Sé (Arruda, 1999-2000, pp. 116-117) e na Rua de São Mamede n.º 15 (Pimenta, Silva & Calado, no prelo).

Estas taças encontram-se bem documentadas em níveis de meados do século VII em Huelva, onde Rufete Tomico os engloba no seu tipo C3b (Rufete Tomico, 1988-89).

Os exemplares de taças carenadas n.º 34 e 35, permitem constatar as estreitas relações entre os povoados da foz do Tejo. Estas ficam bem evidenciados pelos paralelos entre estes materiais e o conjunto de engobe vermelho já conhecido do povoado de Almaraz. O bordo n.º 34 e o fundo n.º 35 recolhidos no teatro parecem corresponder a uma taça de pé alto, similar à recolhida em Almaraz (Barros, Cardoso & Sabrosa, 1993, p. 180). Elisa de Sousa (2011, p. 166), engloba na sua proposta de tipologia cerâmica a partir da escavação do Núcleo Arqueológico da R. dos Correeiros, uma série de peças molduradas revestidas a engobe que lembram a peça em questão, (série 4: Páteras), porém face ao estado de conservação dos materiais que apresenta não é clara qual a sua forma, sendo por outro lado claro que estaríamos neste caso perante cronologias mais recentes que poderiam ter como antecedente estes modelos.

### 3.3. Taças esféricas

Ainda que apenas representado por um fragmento, podemos detectar um invulgar bocal de contentor de tendência esférica com caneluras junto ao bordo, coberto externamente com engobe vermelho e com pintura geométrica vermelha e negra (Est. 3, n.º 28). Esta forma encontra-se bem representada em contextos da primeira metade do século VII a.C. em Huelva (Forma C1a de Rufete Tomico, 1988-89), no Castillo de Doña Blanca (Ruiz Mata & Pérez, 1995, fig. 21) e em Mogador (López Pardo & Habibi, 2002, fig. 56). No extremo ocidente peninsular há paralelos em Castro Marim (Freitas, 2005), em Abul no horizonte 1C (Mayet & Silva, 2000, fig. 20 n.º 75), Santarém (Arruda, 2002, p. 187, fig. 119, n.º 5), em Lisboa (Pimenta, Silva & Calado, no prelo) e no Povoado de Santa Sofia – Vila Franca de Xira (Pimenta & Mendes, 2010-2011).

### 3.4. Jarros (?)

A peça que apresentamos sob o número 27, é o único fragmento associado a formas fechadas (Est. 3). Pelo diâmetro e inflexão do colo acima da carena, podemos afastar a presença de formas comumente designadas por “boca de seta”. Peças similares surgem em contextos bem datados do século VIII a.C., como acontece com os exemplares de Morro de Mezquitilla

(Maass-Lindemann, 1999), integrados nas primeiras formas de vasos piriformes (Orsingher, 2010).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, apesar das limitações de natureza contextual, permite contribuir para um maior conhecimento do povoado pré-romano da colina do Castelo de Lisboa. Apesar do despontar das intervenções de arqueologia urbana no casco antigo nas duas últimas décadas, continuam a ser poucas as publicações e projectos de investigação em torno das ocupações mais recuadas da cidade. O conjunto de cerâmica agora analisado permite, a par dos restantes conjuntos já conhecidos (Claustro da Sé; R. de São Mamede, São João da Praça, Marquês de Angeja e NARC), vislumbrar uma produção coerente e autónoma, a nível das pastas e das tipologias. A existência de um centro produtor de cerâmicas de engobe vermelho na foz do estuário do Tejo, que abasteceria os dois grandes povoados de Almaraz e Lisboa foi aventado pela primeira vez por Ana Margarida Arruda (1999-2000, p. 120), tendo em conta a homogeneidade das produções e características singulares das suas formas.

Os dados de que dispomos para Lisboa, permitem afirmar que, se numa primeira fase ainda assistimos à importação de algumas cerâmicas de engobe vermelho dos centros meridionais, rapidamente a presença de populações orientais ou fortemente orientalizadas, passaram a fabricar estes novos serviços, tão ao gosto do mundo fenício.

A análise do conjunto de cerâmicas de engobe vermelho pré-romanas provenientes das escavações do teatro romano de Lisboa, apesar de recolhidas em níveis de deposição secundária, datados na sua maioria de época romana, reportam-se a uma fase antiga dentro da Idade do Ferro, correspondendo, face aos paralelos estabelecidos, a uma cronologia que se situa entre os meados do século VIII e o séc. V a.C.

#### BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6)

AUBET, M. E. (1976) – La cerámica púnica de Setefilla. *Studia Archaeologica*. Valladolid, 42. pp. 19-65

AUBET, M. E.; CARMONA, P.; CURIA, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ CANTOS, A.; PÁRRAGA, M. (1999) – *Cerro del Villar. I. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland*. Sevilla: Junta de Andalucía.

BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, pp. 143-181

CUADRADO, E. (1969) – Origen y desarrollo de la cerámica de barniz rojo en el mundo tartésico. In *Tartessos y sus problemas. V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular (Jerez de la Frontera, 1968)*. Barcelona, pp. 257-290

DELGADO HERVÁS, A. (2011) – La producción de cerámica fenicia en el extremo occidente: hornos de alfar, talleres e industrias domésticas en los enclaves coloniales de la andalucía mediterránea (siglos VIII-VI a.C.). In Benjami Costa e Jordi H. Hernandez, ed. – *Yöserim: La producción alfarera fenicio-punica en occidente*, actas XXV jornadas de arqueología fenicio-punica (Eivissa, 2010), pp. 9-48.

FERNANDES, Lúcia (2007) – Teatro romano de Lisboa – os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-madan*. Almada, IIª Série, 15, pp. 27-39.

FERNANDES, Lúcia; PINTO, António Nunes (2009) – Sobre um bronze zoomórfico do teatro romano de Lisboa. Consagração de um monumento ou ocupação ancestral de um espaço. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 12: 1, pp. 169-188.

FERNANDES, Lúcia; PIMENTA, João; CALADO, Marco; FILIPE, Victor (no prelo) – Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*.

FREITAS, V. (2005) – *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes (edição policopiada).

MAASS-LINDEMANN, G. (1999) – La cerámica de las primeras fases de la colonización fenicia en España. In *La cerámica fenicia en Occidente. Centros de Producción y áreas de comercio*. Actas del I Seminario Internacional sobre temas fenicios. Alicante, pp. 129-148.

MANCEBO DÁVALOS, J. (1996) – La cerámica de barniz o engobe rojo de la Cuenca Baja del Guadalquivir. *Tabona*. La Laguna, IX, pp. 353-378.

ORSINGHER, A. (2010) – Le oil bottles fenicie: analisi dei contestie considerazioni crono-tipologiche. *Sardinia, Corsica et Baleares Antiquae* VIII, pp. 37-69.

RAMON TORRES, J. (2010) – La cerámica fenicia del mediterráneo extremo occidental y del atlántico (s. viii – ir. 1/3 del vi ac). Problemas y perspectivas actual. In *Moty and the phoenician ceramic repertoire between the levant and the west, 9<sup>th</sup> – 6<sup>th</sup> century b. C.*, Proceedings of the International Conference held in Rome, 26<sup>th</sup> February 2010.

RUFETE TOMICO, P. (1988-89) – Las ceramicas com engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*, vol. X-XI, 3, p. 10-40.

SCHUBART, H. (1976) – Westphönizische teller. *Rivista di Studi Fenici*. Roma, IV, pp. 179-196.

SOUSA, E. (2011) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo durante a segunda metade do 1.º milénio a.C.* Tese de Doutoramento em História especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

TARRADELL, M. (1958) – Notas acerca de la primera época de los fenicios en Marruecos. *Tamuda*. Rabat, VI, pp. 71-88

TARRADELL, M. (1960) – Nuevos datos sobre la cerámica prerromana de barniz rojo. *Hesperis-Tamuda*. Rabat, I-2, pp. 235-252.

TOMBER, R.; VEGAS, M. (1998) – Cerámica punica procedente del sector septentrional de Cartago (1986). *Cuadernos de Arqueologia Mediterranea*, 4, pp. 165-172.



Figura 1 – Perspectiva de nascente para poente do pátio (R. S. Mamede nº 3-b) onde foi realizada a intervenção arqueológica entre 2005 e 2010, observando-se em primeiro plano as estruturas da Idade do Ferro e de época republicana. Do lado esquerdo da imagem, a estrutura de contenção do teatro.

TRL 2010  
 Patio  
 Perfil Este

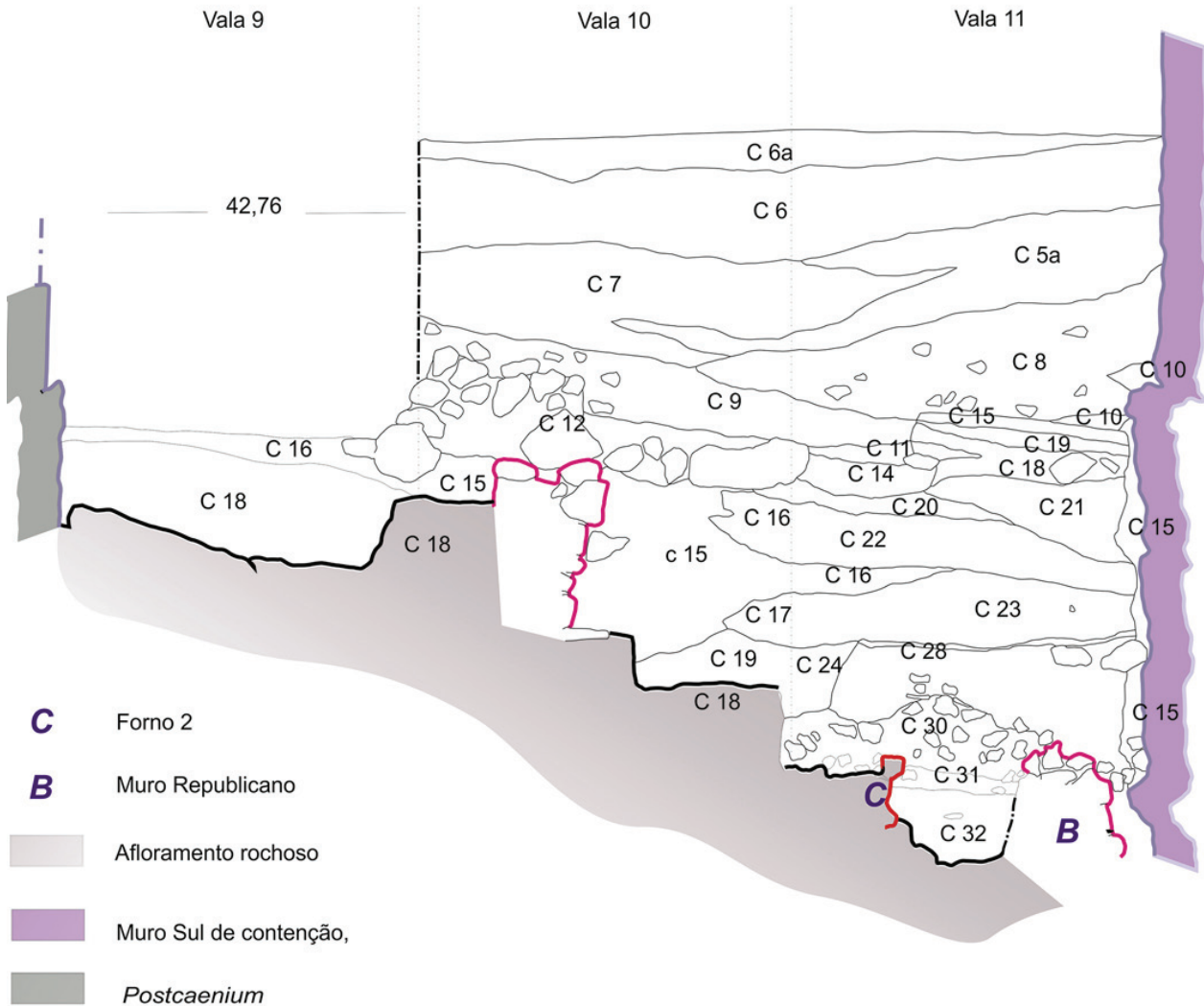


Figura 2 – Perfil nascente da parte sul do pátio onde se registou a maior concentração de cerâmica de engobe vermelho. A área do lado direito registou as estruturas da Idade do Ferro e de época republicana.

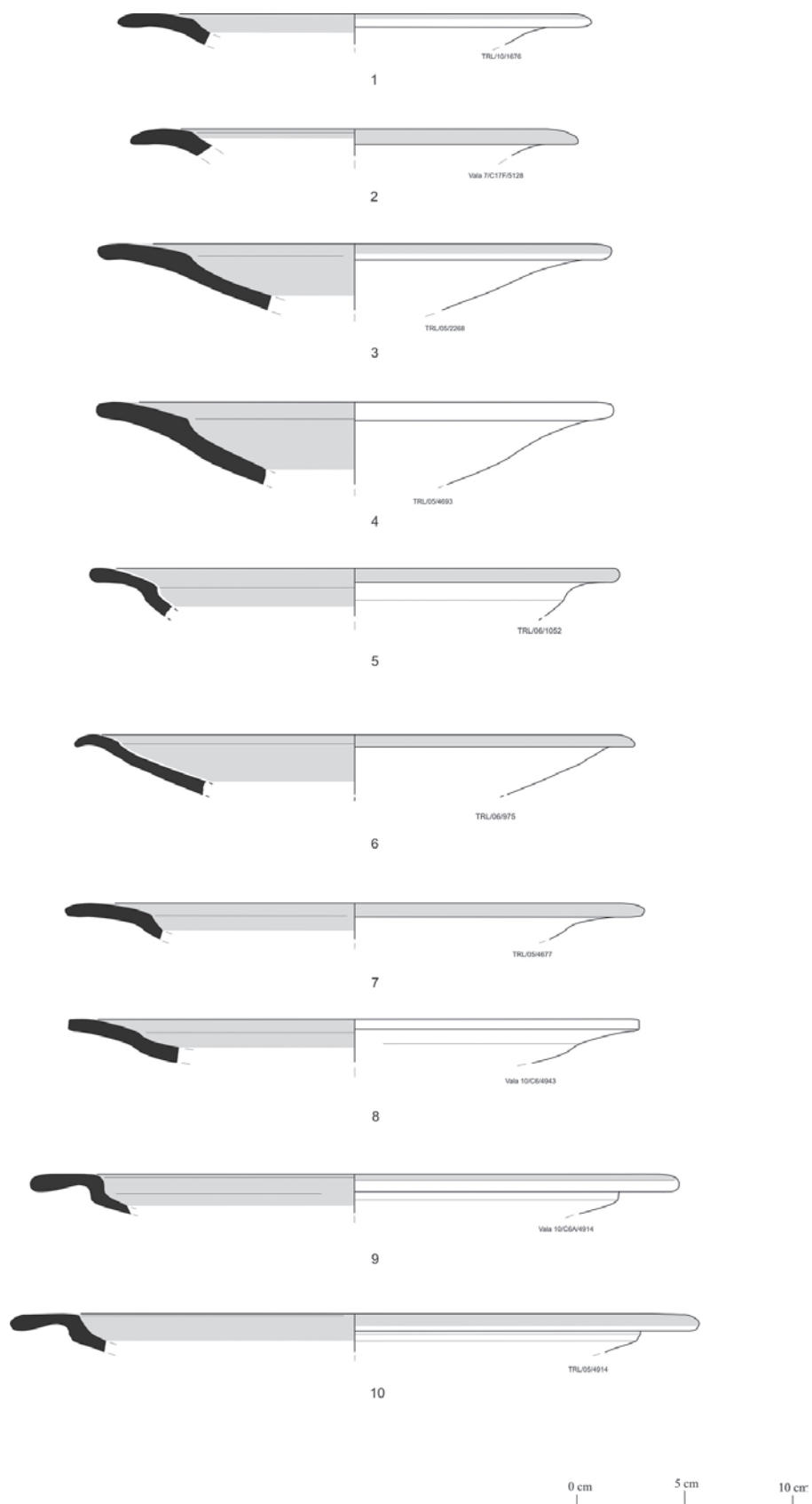


Figura 3 – Pratos de engobe vermelho.

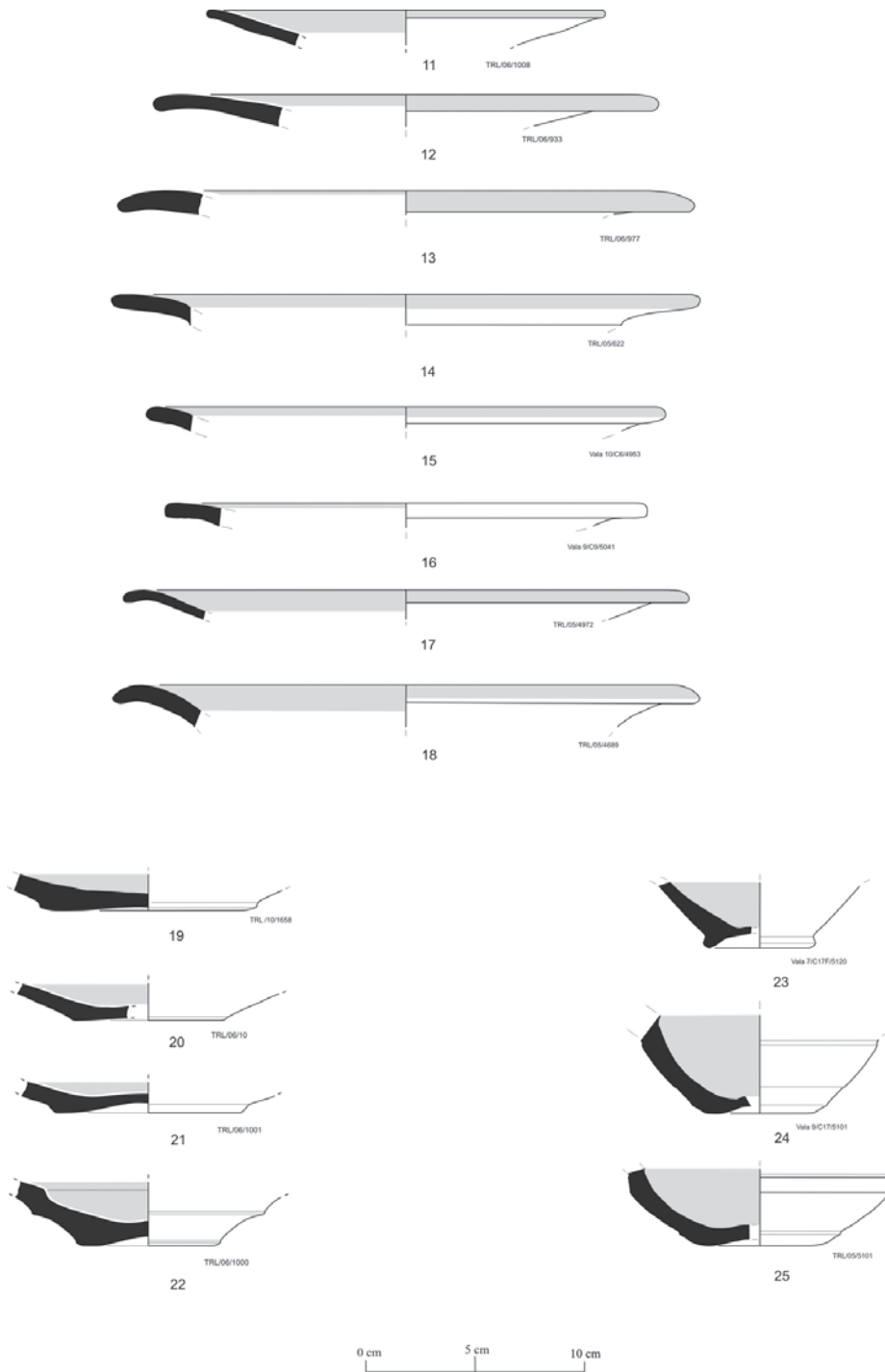


Figura 4 – Pratos de engobe vermelho.

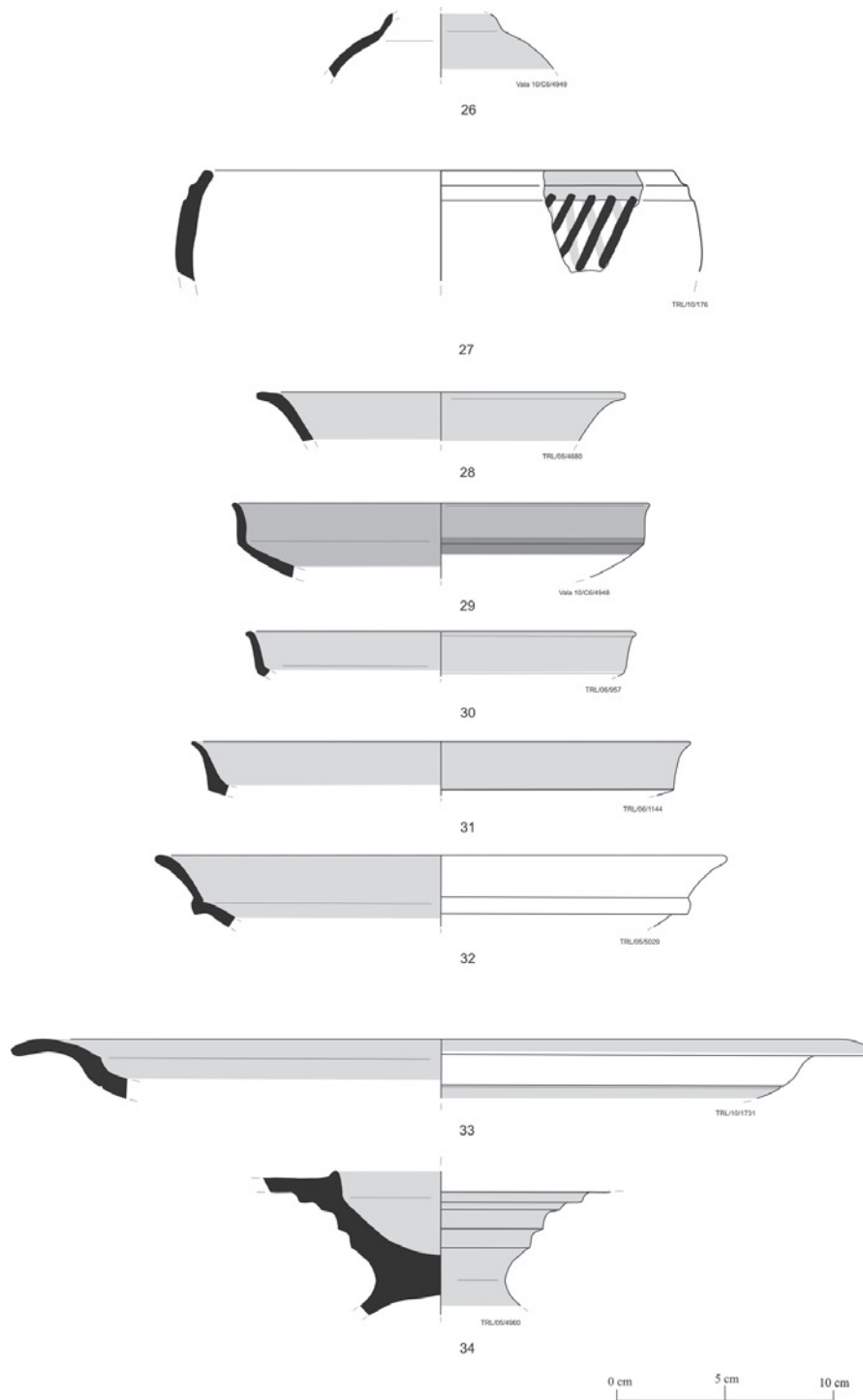
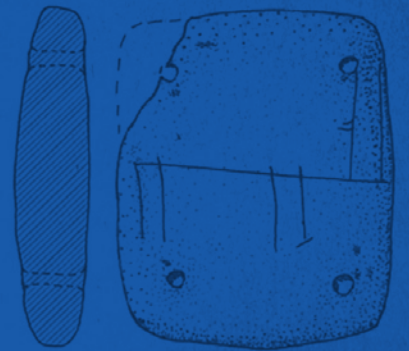
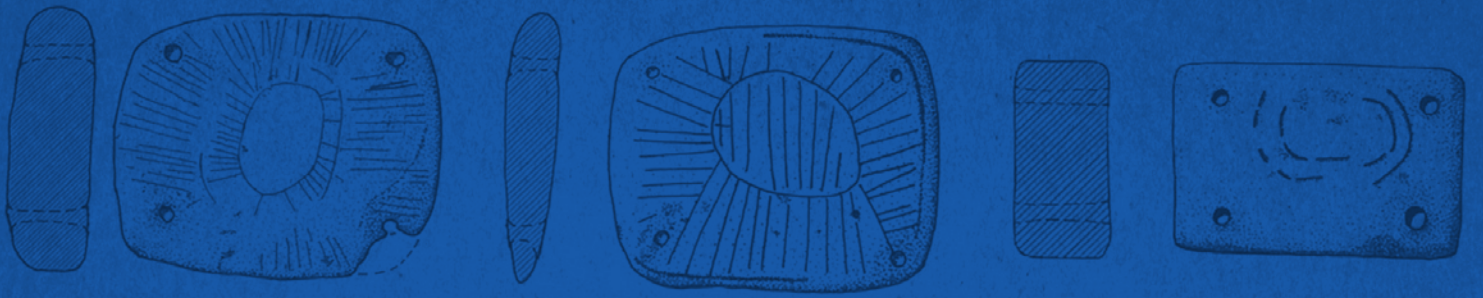
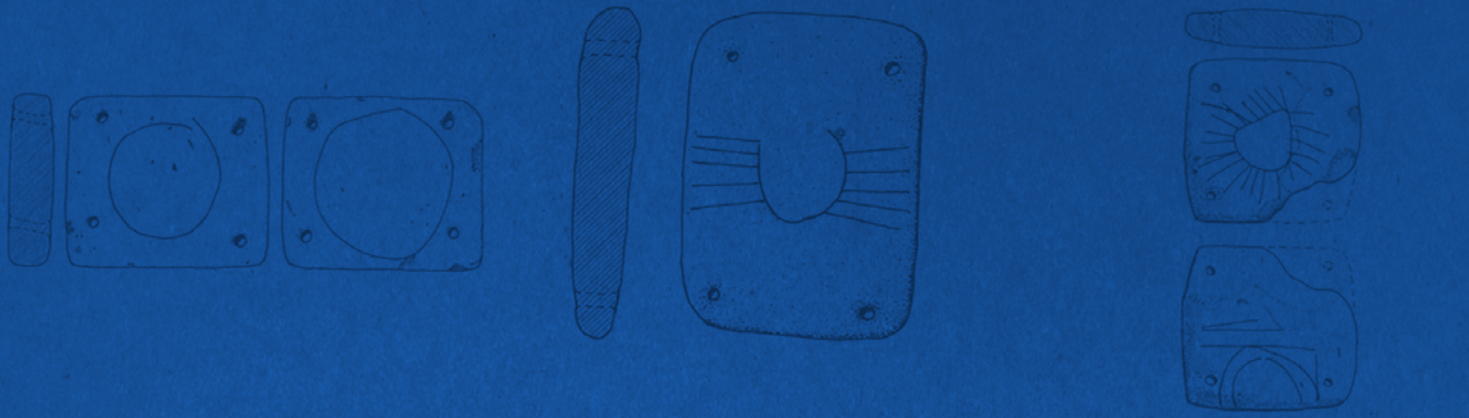
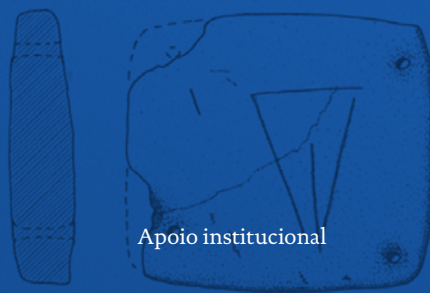


Figura 5 – Taças de engobe vermelho.

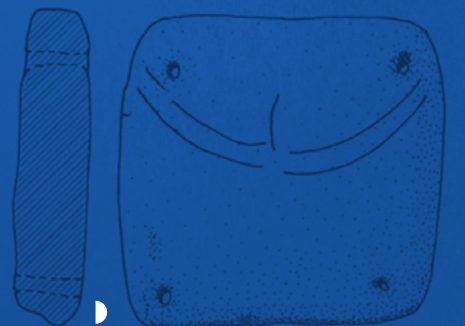


**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua